

Congresso Internacional “Pedro e Inês: o futuro do passado”

28 a 31 de Março de 2012
Coimbra, Montemor-o-Velho e Alcobaça

*

José P. Costa

INÊS DE CASTRO, MUSA DE TANTAS PAIXÕES (1320?-1355)
na vertente estatística



Inesianistas

Tendo sido convidado para participar neste Congresso Internacional “Pedro e Inês: o futuro do passado”, convite que muito me honra, e agradeço, foi-me sugerido fazer uma análise estatística do nosso livro, cujo título é o desta comunicação, e que publicámos em 2009.

Começamos por registar que o nosso interesse inicial pelo tema inesiano se deveu a um trabalho prático que apresentámos quando da licenciatura, tendo, posteriormente, em 2003, prosseguido com uma investigação mais profunda, e devido ao enorme impacto das comemorações dos 650 anos da morte de Inês de Castro, ocorrido em 2005, sentimo-nos incentivados a concluir esta Bibliografia Anotada.

Para tal, apoiámo-nos sobretudo nas obras de Adrien Roig, *Inesiana*, de Maria Leonor Machado de Sousa, *Inês de Castro, um tema português na Europa*, e de António Vasconcelos, *Inês de Castro: Estudo para uma série de lições*.

No essencial, com a nossa Bibliografia procurámos actualizar as edições anteriores, nomeadamente a de Adrien Roig, *Inesiana*, publicada em 1986, e acrescentar as notas, observações e comentários que obtivemos e nos pareceram úteis e interessantes incluir, de modo a tornar o nosso trabalho mais acessível aos diferentes públicos leitores, que não só o académico, mas a todos os admiradores de Inês de Castro e da sua história, que atravessou séculos, e entusiasmou tantos e tantos autores, de diferentes áreas, de diferentes países, de diferentes sensibilidades.

Desde já, algumas notas prévias. Incluímos nesta comunicação, em Adenda, os mais de 350 títulos que, ou são edições posteriores à nossa publicação, ou que só após Março de 2009 deles tivemos conhecimento. Não incluímos, por outro lado, nenhum título referente às presentes comemorações dos 650 anos da trasladação de Inês de Castro, de Coimbra para o mosteiro de Alcobaça.

Em síntese, registamos 5531 títulos publicados de interesse inesiano. Sendo que em Portugal, foram produzidos 3454 títulos, na Europa, 1793 títulos, e no Mundo, 284 títulos.

Dos 5531 títulos, 872 foram editados no século XXI, 2764 no século XX, 1315 no século XIX, 414 no século XVIII, 120 no século XVII, 41 no século XVI, 3 no século XV e 2 no século XIV.

Sobre os dois títulos do século XIV, ambos poemas, as fontes não nos dão dados concretos quanto à sua edição.

Seguindo então a metodologia do nosso livro, que apresentamos dividido pelas seguintes áreas temáticas, concluímos que em Obras de Referência há 72 títulos, em Ensaaios 540, em História 641, na Camoniana 517, na Música e Coreografia 753, na Dramaturgia 1140, na Poesia 487, na Literatura 319, nas Artes Plásticas 286, em Viagens 245, nos Vários 106, em 2005 Ano Inesiano da Cultura 69, e, em Adenda, 356 títulos.

O tema inesiano esteve presente em 83 Colóquios e ou Conferências, através de 143 comunicações, sendo 95 comunicações em Portugal, 14, na Europa, e 34 no Mundo. No século XXI, 93 comunicações, e 50 no século XX.

Foram publicadas 77 dissertações de interesse inesiano em licenciatura, mestrado e doutoramento, sendo 48 de Mulheres e 29 de Homens. No século XXI, 26, e no século XX, 51.

Registamos um total de 63 óperas, tendo sido cantadas, em estreia, em Portugal, 8, na Europa, 52, e no Mundo, 3. Salientamos, nesta área, Giuseppe Persiani, cuja ópera *Inês de Castro*, foi cantada em 70 palcos, 4 dos quais em Portugal, sendo duas vezes em Junho de 2003, no Pátio das Escolas, em Coimbra, e nas Escadarias do Mosteiro de Alcobaça, com encenações de Carlos Avilez.

Quanto a bailados, registamos um total de 22, tendo sido dançados, em estreia, 6 em Portugal, e 16 na Europa. Recordamos que Olga Roriz, apresentou o seu bailado *Pedro e Inês* em 17 palcos, incluindo a Tailândia, Rússia e Brasil, aqui em 5 palcos.

Contámos 168 dramaturgias, sendo 76 em Portugal, 71 na Europa, e 21 no Mundo. Nos primeiros anos do século XXI, foram apresentadas dramaturgias no Japão, Canadá e Brasil. No que se refere a filmes registamos 9, dos quais 6 em Portugal, 2 na Europa e 1 no Mundo.

No Brasil, e no século XXI, o interesse pelo tema inesiano tem vindo a aumentar em crescendo, o que se reflecte em 69 títulos, 7 dissertações académicas e 12 participações em Congressos.

Todos estes quadros que apresentamos, constarão das Actas deste Congresso.

Lamentamos o desaparecimento físico, desde 2009, de 18 autores inesianos, mas as suas obras são perenes. António Tabucchi faleceu no passado domingo.

Relativamente ao que titulámos de Obras de Referência, em que indicamos as entradas de e sobre Inês de Castro, naturalmente muitos outros Dicionários e Enciclopédias existirão. A omissão da referência a Inês de Castro é que será a excepção. O mesmo

podemos acrescentar em relação às muitas edições da História de Portugal, para além das mencionadas, que, naturalmente, se referirão à Colo de Garça.

Também nos diferentes Dicionários e Enciclopédias existirão entradas que interessam ao tema inesiano. Por exemplo, as entradas referentes a D. Afonso IV, D. Pedro I, mosteiro de Alcobaça, convento de Santa Clara, Quinta das Lágrimas, entre outras. Os Dicionários e Enciclopédias temáticos encontram-se nas respectivas áreas.

Na Camoniana, como referimos no livro, não incluímos as edições escolares dos *Lusíadas*, mas apenas as edições que se referem ao Episódio de Inês de Castro, no canto III.

Salientamos que da canção *Coimbra*, inicialmente cantada por Alberto Ribeiro, e depois bastante divulgada internacionalmente, sobretudo por Amália Rodrigues, encontramos mais de duzentas gravações, incluindo as suas versões em inglês, *April in Portugal*, e em francês, *Avril au Portugal*.

Caso Giuseppe Verdi tivesse dado seguimento às notas que terá tomado, em 1844, no seguimento das palavras da sua segunda esposa, Giuseppina Strepponi, que tinha cantado a ópera *Inês de Castro*, de Giuseppe Persiani, e, estamos em crer, o tema inesiano teria uma maior divulgação a nível mundial.

Em Dramaturgia, destacamos o elevado número de títulos referentes à *Castro* de António Ferreira, não só pelos livros editados, que igualmente não incluem as edições escolares, como pelos espectáculos apresentados com distintas encenações, em cerca de 30 diferentes palcos.

Sobre os locais onde se desenrolaram os factos relacionados com Inês de Castro, como Coimbra, Alcobaça, Montemor-o-Velho, Bragança, Moledo e outros, mais guias e roteiros turísticos existem, com notas ligadas ao tema inesiano.

Damos conta da existência do nome de Inês de Castro na toponímia de 31 localidades, sendo duas em Espanha e duas no Brasil.

Durante as comemorações dos 650 anos da morte de Inês de Castro, no denominado Ano Inesiano da Cultura, em 2005, ocorreram 6 conferências, colóquios e tertúlias, duas no Brasil. Foram apresentados 8 espectáculos teatrais, num total de 20 representações, dois espectáculos de dança, 13 concertos musicais e de poesia, num total de 30 representações, uma mostra de cinema, com filmes de 6 países, uma vigília e cortejo, em 3 locais, duas feiras e recreações medievais, duas mostras de arte na rua, com apresentação em 7 locais, 4 exposições de artes plásticas, com mostras em 9 locais, uma exposição de vestidos de autor, 3 criações de peças comemorativas. Também foram apresentados 4 livros e 6 catálogos, além do apoio institucional a 3 publicações. A Universidade Aberta, através da RTP transmitiu 6 programas de temática inesiana. A RTP apresentou o documentário *Inês sem fim* e a série *Inês de Castro*. O espectáculo de encerramento do Ano Inesiano, *Pedro e Inês sem fim*, ocorreu em Coimbra, em 7 de Janeiro de 2006.

Dos títulos que só tivemos conhecimento após o fecho da edição do nosso livro, e que, reiteramos, incluímos na Adenda, destacamos o facto de Florbela Espanca ter sido

comparada a Inês de Castro, por Américo Durão, quando este parafraseou o episódio inesiano dos *Lusíadas*, na sua ‘Elegia para um poeta’, e cito :”Evoco e lembro a linda/ E ansiosa labareda/ A sempre enamorada/ A Florbela sem par,/ Que só depois de morta,/ E entre ranger de dentes/ foi coroada rainha”. Ainda queremos salientar um excerto dum soneto de Bocage, inserido na sua Lírica, no qual volta a referir-se ao nosso maior Vate, agora invocando-o e louvando-o: “Invejo-te, Camões, o nome honroso;/ Os ais de Inês, de Vénus o queixume, / As pragas do gigante proceloso, / O Céu de Amor, o Inferno do Ciúme”.

Assumo, se tivéssemos sido mais exaustivos, se tivéssemos aprofundado o vasto campo dos temas inesianos, mais títulos poderíamos apresentar, mas, como terão notado, o número a que chegámos, de 5531, é algo simbólico, já que é o palíndromo de 1355, ano da morte de Inês de Castro, pelo que interrompemos aí a nossa pesquisa, até porque, de todo, não é nossa intenção atingir qualquer recorde.

Recordo que estamos a tratar o tema de Inês na rigidez dos números. Inúmeros são, contudo, os motivos que levaram tantos autores a manifestarem os seus amores pela chamada Colo de Alabastro, que ultrapassam, sem dúvida, esta estatística.

A mística em redor de Inês de Castro, assim, não pode ser uma mera soma de títulos, porque ela é, a todos os títulos, merecedora de ser, isso sim, lembrada, contada, cantada, admirada, entendida, divulgada nos devidos termos.

Lemos, mais de uma vez, que Inês terá nascido em Monforte de Lemos, ou terá sido no norte, em Valadares, lugares distintos, que distintos autores, como Camilo, que dizia sabia, mas feneceu, e não deu essa indicação precisa.

Avisa D. Pedro, em ocasião dúplice, que não tinha lembrança do dia exacto do casamento com Inês, em Bragança, facto que poderá indiciar que a festança, ao contrário do que se disse, mais de uma vez, terá sido parca.

A arca tumular de Inês terá sido trasladada em 1361 ou 1362, pois não há também a certeza. A nobreza é que teve que se ajoelhar e depositar um beijo na mão da rainha depois de morta coroada, dada a vontade e desejo do príncipe consorte, que depois entrou em desnorte, e vingou a morte da sua amada e amante de forma atroz.

Trás isto à colação as diferentes mortes de Inês, que os autores foram referindo, indo, para tal severa punição, desde a vera degolação, a ser decapitada, envenenada, enforcada, até atropelada, coitada dela, a bela Inês de Castro.

Assim, o seu vasto lastro pode e deve ser consolidado e confirmado estudando os profundos ensaios originais. Mais sabendo, consultando tantas histórias de distintos autores, distantes ou recentes. Cantando os versos do nosso maior Vate, Camões, que foi ímpar, neste tema em particular. Partilhando as canções, de diferentes estilos, desde as óperas ao fado, o bailado está também presente na nossa retina. Imaginando as tramas dos inúmeros dramas, representados em tantos palcos, por todo o mundo, com cenas inesquecíveis, críveis e que vão perdurando. Cantando os poemas, cujas mensagens das suas rimas nos vão incessantemente enternecendo. Lendo as lindas lendas sobre a linda e loura Inês. Admirando as inúmeras telas, tangíveis e belas, e todas as maravilhosas obras de arte, espelhadas em imensas imagens, espalhadas por toda a parte. Partir em

viagens ao encontro dos mais marcantes locais, sinais que vamos descobrindo, indo ao sabor da procura, aliciante aventura que nos pode levar a sentir quão forte era o amor perene de Pedro e Inês, em vezes registado pelos autores, cujas mentes, dos sapientes amantes da sua vida e morte vão reproduzindo, e que agora, neste Congresso, para nosso prazer e sorte, ainda mais importantes contributos nos vão dar a saber, porque, Inês de Castro, podem crer, é inesgotável, universal e intemporal, tal como a nossa paixão pelo seu tema.

Tomo um pouco mais de tempo para citar a conclusão da introdução do nosso livro. Assim, este romance de Pedro e Inês pode igualmente entender-se naquilo que na Idade Média, portanto ao tempo dos factos, se considerava o amor cortês, no qual acontecem tragédias, e mesmo situações adúlteras, tendendo a ser um amor desmesurado, mesmo ousado, afinal natural para os jovens que se apaixonam de modo tão intenso como estes dois amantes, atingindo o êxtase amoroso, a “*joie*”, que poderemos encontrar retratado exemplarmente na Bíblia, e no livro Cântico dos Cânticos, atribuído a Salomão. Então, no “*Diálogo de Apaixonados*”, capítulo 1, versículos 2 e 4 (Ela diz) “*Beija-me com os teus doces lábios; que as tuas carícias são mais deliciosas que o vinho[...] Leva-me contigo! Vamos depressa! Leva-me para os teus aposentos, ó meu rei. Vamos alegrar-nos eu e tu, e ser felizes[...]*”. Adiante, no capítulo 7, versículos 7-10 (Ele responde) “*Como és bela e encantadora, meu amor! Tu és as minhas delícias...os teus seios são os cachos. Vou subir à palmeira para colher os frutos. Os teus seios serão para mim como cachos de uvas e o perfume da tua boca como o odor das maçãs. A tua boca embriaga-me como o bom vinho*”. Ainda, no capítulo 8, versículo 6 (Ela acrescenta) “*Grava o meu nome no teu coração como um selo como uma tatuagem no teu braço. Que o amor é tão forte como a morte; e como a morte, também é paixão incontrolável. O fogo ardente do amor é uma chama divina*”. A citação termina.

Termino, temendo não ter trazido nada de novo, contudo, renovo a convicção de que o passado de Pedro e Inês é o futuro que auguro a todos os inesianistas, tanto de inovador, como de fecundo, pelo que seguramente continuaremos, como inclusive diz a epígrafe inscrita no pulcro sepulcro de D. Pedro, e é o último versículo do Evangelho de S. Mateus, “até ao fim do mundo”.